

REENCONTRO
literatura

Victor Hugo

Os miseráveis

Tradução e adaptação em português de

José Angeli

Ilustrações de

Getúlio Delphin



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Edição

Samira Youssef Campedelli

Assistência editorial
Dulce Seabra

Preparação
Roberto Belli

Revisão
Ana Luiza Couto,
Gerson Ney França e
Thiago Barbalho

Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Diagramação
Fábio Cavalcante

Programação visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2014

ISBN 978-85-262-8599-6 – AL

ISBN 978-85-262-8600-9 – PR

Cód. do livro CL: 738142

CAE: 265009 - AL

3.^a EDIÇÃO

8.^a impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de: *Les misérables* – Édition
par Yves Gohin. Paris, Gallimard, 1973 et 1995.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hugo, Victor, 1802-1885

Os miseráveis / Victor Hugo; adaptação em português de José Angeli. – São Paulo: Scipione, 1998. (Série Reencontro Literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Angeli, José.
II. Título. III. Série.

98-2215

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger
e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

<i>Quem foi Victor Hugo?</i>	5
Monsenhor Benvindo – um justo	7
O Peregrino	9
O abrigo ao peregrino	14
Um hóspede ingrato	16
Um Monsenhor benigno	18
O menino Gervásio	21
Duas mães se encontram	23
Madaglena	26
O inspetor Javert	29
Fantine	30
Os rigores da lei	32
Javert age em nome da lei	35
Uma consciência em conflito	39
A sentença do falso Jean Valjean	40
Fantine morre.	43
Cosette traz água da fonte	48
Um presente de sonhos para Cosette	53
O destino interfere	58
A rota do desconhecido	61
Uma situação muito complicada	65
Um pai herói e desconhecido	70
Uma nova vida.	73
Os estranhos desígnios do destino.	75
Miseráveis e canalhas.	77
Os parceiros de Jondrette.	79
Finalmente, um encontro de amor	87
As angústias de uma possível separação	89
Lutas nas barricadas	93

Gravoche cumpre uma missão	100
Gravoche, um herói menino	104
Os ratos de esgoto	109
Javert jamais abandona sua presa	111
Ventura e desventura	116
Finalmente a verdade.	120
O adeus.	123
<i>Quem é José Angeli?</i>	128

QUEM FOI VICTOR HUGO?

Victor Hugo nasceu em 26 de fevereiro de 1802, em Besançon, França. Por dez anos, sua família acompanhou o pai – general do exército de Napoleão – nas suas obrigações militares pela Córsega, Itália e Espanha. Em 1812, quando os pais se separaram, o jovem Victor se mudou para Paris com a mãe e os irmãos Abel e Eugênio.

O amor de sua mãe pelos livros acabou por inspirar o mesmo apego em Victor Hugo. Desde a adolescência, decidiu tornar-se escritor. Aos 14 anos, já havia escrito 23 poemas e, aos 15, recebia precocemente um prêmio da Academia Francesa por uma composição poética de 334 versos.

Em 1822, já recebendo uma pensão do governo por suas primeiras obras, ele se casou com Adele Foucher, amiga de infância. Na noite do casamento, seu irmão Eugênio, que também amava Adele, enlouqueceu.

Em 1829, era reconhecido como o líder do movimento romântico na França. Tornou-se grande amigo do crítico Saint-Beuve, amizade que lhe trouxe um frutífero período de produção literária. Em 1830, escreveu *Hernâni*, seu primeiro drama romântico, que foi encenado na famosa Comédia Francesa. Nessa ocasião, assinou um vultoso contrato para escrever um romance histórico tendo como palco a monumental catedral de Notre-Dame. Caso não cumprisse o prazo, teria que pagar uma multa de 1 000 francos por semana de atraso. Para essa tarefa, decidiu não mais sair de casa, trancando suas roupas no guarda-roupa, para não cair em tentação. Seis meses depois, a França o consagrava com *O Corcunda de Notre-Dame*, confirmando sua glória literária.

A amizade com o crítico Saint-Beuve terminou de modo infeliz: Adele separou-se de Victor para viver com o amigo. Outras provações o aguardariam na sua vida familiar. A filha Leopoldine morreu afogada em 1842. Mais tarde, em 1872, sua filha Adele seria internada por ter enlouquecido após uma malsucedida história de amor.

Victor Hugo não se contentou apenas com a glória literária. Também participou intensamente da vida política. Monarquista na juventude, após a Revolução de 1848 passou a simpatizar com os republicanos. Foi eleito para a Assembleia Legislativa e apoiou medidas para a educação livre no país. Com o advento do Segundo Império, preferiu o exílio, deixando Paris disfarçado de operário. Apesar da companhia de alguns devotados amigos, entre eles sua nova amada, a atriz Juliette Drouet, a vida no exílio era praticamente solitária. Sua companhia mais permanente era o mar. O interesse pelos humildes, que não lhe trouxe resultados práticos na política, acabou por inspirar um de seus maiores livros, *Os Miseráveis*, publicado em 1862.

Monsenhor Benvindo – um justo

Nos Baixos Alpes da Provença, na França, existia uma pequena cidade chamada Dignes, onde vivia um bispo já bem velho, designado para aquela paróquia há muitos anos. O bispo Carlos Francisco Benvindo Myriel era conhecido em toda a região por sua bondade e simpatia. Todo necessitado que ia até ele era recebido com conforto material e espiritual.

Monsenhor Benvindo vivia com sua irmã, mais moça do que ele alguns anos, mas que na juventude tinha sido bela. Chamava-se Batistina e sua única missão na vida era zelar pela saúde e felicidade do irmão, administrando os recursos estaduais destinados ao bispado e uma pensão. Para ajudar nos serviços da casa contrataram uma senhora gorducha dali mesmo, chamada Mangloire, toda dedicada aos dois irmãos.

O palácio episcopal, construído no século dezoito, era um enorme casarão com vários aposentos desocupados e não combinava com a humildade de seus ocupantes. Para contrastar com o porte desse edifício, ao seu lado ficava um hospital público muito pobre que abrigava por volta de trinta doentes, amontoados em três pequenas peças e carecendo de condições não só de privacidade como de higiene.

Enquanto o bispo vivia com a irmã e a criada naquele enorme casarão, os enfermos sofriam com o aperto de suas acomodações. Essa situação incomodava ao Monsenhor Benvindo e causava-lhe grande mal-estar. Numa manhã, depois de visitar os doentes, tomou uma resolução.

– Senhor – perguntou o velho prelado ao diretor do hospital –, quantos doentes estão internados aqui?

– Vinte e seis, Monsenhor. É mais do que comportam nossas pobres instalações. Os doentes estão quase amontoados uns sobre os outros...

– É, notei isso. Vejo também alguns convalescentes alojados no jardim.

– Infelizmente é verdade. Nossos espaços são minúsculos, por isso temos que usar qualquer lugar onde possamos alugar um doente.

O velho bispo conduziu o diretor do hospital até o casarão episcopal.

– Quantas camas poderiam ser colocadas nesta sala? – perguntou, mostrando com um amplo gesto a sala de jantar.

– Aqui, Monsenhor?! – surpreendeu-se o diretor.

– Isso mesmo. Pelo menos vinte camas, acredito. Considerando o tamanho do palácio, poderiam ser instalados confortavelmente uns sessenta leitos. Ora, vivem aqui neste amplo espaço apenas três pessoas, e vocês sofrem imensos sacrifícios para abrigar doentes numa casa absolutamente imprópria para isso! Vamos fazer uma troca. O senhor passa com seus doentes para nosso casarão e nós transferimos nossas coisas para sua casa.

– É uma troca injusta. O senhor será muito prejudicado! – disse o diretor, chocado com a proposta.

– A única coisa injusta aqui são esses infelizes amontoados. Vamos providenciar a troca de casas imediatamente!

Na manhã seguinte, os vinte e seis doentes mudaram-se para o palácio episcopal e o bispo transferiu-se para o antigo hospital.

Tais acontecimentos revelam a grandeza do coração daquele pastor de almas para quem os preceitos evangélicos estavam acima das ambições e dos bens terrenos.

Esse bispo descendia de uma família aristocrática acostumada a desfrutar dos confortos da época, mas ele nada pedia para si próprio e não titubeava em dividir o pouco que possuía com aqueles que tinham ainda menos.

Entre as suas posses pessoais, fruto de antiga herança familiar, estavam uma concha e seis talheres de prata que punham à mesa só quando algum convidado participava das refeições. Também havia dois castiçais de prata, herdados de uma tia-avó. Ficavam expostos sobre a lareira ou eram usados

sobre a mesa, dependendo da situação. Esses eram os únicos bens que conservava e guardava-os num armário sem qualquer segurança, prova do seu desaparego aos bens materiais.

A porta da sala da casa dava para a praça principal e jamais teve uma fechadura ou tranca que impedissem o livre acesso de qualquer um e a qualquer hora do dia ou da noite. Era determinação do bom prelado ter sua porta sempre aberta aos visitantes.

D. Batistina e D. Mangloire, no princípio, tinham muito medo dessa falta de segurança, mas a qualquer reclamação o bispo as repreendia pela falta de confiança no próximo.

– Ponham trancas em seus quartos, se acharem necessário. A porta de entrada de nossa casa permanecerá aberta para todos.

E assim, durante anos, a vida transcorria pacata e serena, sem grandes acontecimentos que pudessem causar qualquer emoção não só na casa paroquial como em toda a comunidade de Dignes.

O Peregrino

A passagem de qualquer forasteiro por um lugar sem distrações como Dignes, sobretudo quando tinha um aspecto que não inspirava confiança, transformava-se num ótimo assunto para mexeriqueiras exercitarem suas línguas e bisbilhotar a vida alheia.

O homem recém-chegado andando pela rua principal da cidade com passos incertos demonstrava estar no último grau de pobreza. Seria difícil encontrar outra pessoa de aspecto tão miserável. Apesar de vestir andrajos notava-se ser alguém robusto, na força da idade, aparentando uns cinquenta anos. Transportava nas costas uma mochila nova e, como era comum na época, empunhava um grosso cajado.

Com passos cansados, de quem vinha de uma longa e penosa jornada, passou pela prefeitura para identificar-se – como determinava a lei – e depois encaminhou-se para a melhor hospedaria da cidade.

Vendo chegar aquele estranho, o estalajadeiro perguntou com os modos grosseiros reservados aos fregueses mal vestidos.

– O senhor quer alguma coisa?

– Comer e dormir – respondeu o forasteiro.

– Tem dinheiro? – indagou bruscamente.

O outro exibiu uma bolsa de couro fazendo tilintar as moedas em seu interior.

– Tenho dinheiro.

– Nesse caso, abanque-se. Será servido em seguida.

O desconhecido acomodou-se junto ao fogo arrastando um tamborete próximo. Com um suspiro de alívio colocou a mochila junto de seus pés.

Depois de esperar um longo tempo, perguntou, um pouco irritado:

– Está temeroso de que eu não tenha dinheiro ou pretenda fugir após ter comido?

– Um momento. Estamos providenciando.

O homem respondeu já se esgueirando por uma porta entre a cozinha com o pátio interno da casa. Ali, depois de chamar um menino, escreveu algumas palavras numa folha de papel de embrulho e, sussurrando-lhe algo no ouvido, empurrou-o para a rua. Enquanto o garoto saía em disparada, o dono do albergue voltou para a cozinha, fingindo estar muito atarefado com as panelas no fogão.

Passados poucos minutos, o menino voltou e entregou um bilhete para o patrão. Depois de ler, aproximou-se do freguês e falou, sem qualquer traço de gentileza na voz:

– Não vou servir-lhe o jantar nem lhe dar hospedagem.

– E por que essa súbita decisão?

– Verifiquei não ter mais quartos disponíveis... e o jantar terminou. Não tenho mais nada para servir.



– Não faz um minuto, até a chegada do menino, parecia estar tudo em paz. Agora sou tratado como um feroz inimigo. Ou o senhor me serve ou não saio daqui! – falou alto o freguês rejeitado.

– É melhor desaparecer! Sei quem é, pois assim que chegou desconfiei de que não se tratava de alguém respeitável. Da prefeitura veio a confirmação de minhas suspeitas.

O forasteiro levantou-se e, atirando a mochila sobre o ombro, saiu sem qualquer outra reação. Com passos cansados, andou pela calçada escura ainda incerto de qual rumo escolher. Na rua principal, esgueirando-se e temeroso de ser visto, andou junto dos muros até quase a saída da cidade.

Ao passar diante da porta da cadeia, um súbito ímpeto de coragem levou-o a pedir abrigo em uma de suas celas. Puxou o cordão da campainha da porta e esperou.

Diante do carcereiro tirou respeitosamente o boné e com voz humilde pediu:

– Poderia alojar-me ao menos por esta noite em uma de suas celas?

– Neste lugar só hospedamos quem for preso. Dê um jeito de ser preso e acomode você em um de nossos melhores quartos.

O sarcasmo do carcereiro desencorajou o outro a insistir no pedido. Saiu dali e seguiu por uma ruela estreita e maltratada, circundada por casinhas e quintais com hortas e árvores frutíferas. Aproximou-se de uma das casas e espiou o interior por uma das janelas. A família sentava-se em torno de uma mesa, servida por uma mulher, e preparava-se para o jantar. Teve esperanças de ser bem recebido em uma casa tão pacífica. Ainda temeroso, tamborilou com os dedos no vidro da janela.

– Quem está aí? – disse o homem, levantando-se e dirigindo-se à porta para ver o recém-chegado.

– Peça perdão por incomodar em hora tão imprópria – desculpou-se o forasteiro. – Quero somente um prato de comida e um canto qualquer para dormir. Posso pagar por tudo.